

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
1998

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

EXPLICAÇÃO DOS CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E RESPECTIVAS COTAÇÕES

GRUPO I – Comentário escrito sobre um texto literário.....	140 pontos
A – Desenvolvimento dos tópicos – aspectos de conteúdo.....	80 pontos
• Compreensão do enunciado, demonstrada pela articulação adequada entre o conjunto dos tópicos e o comentário produzido	(10 pontos)
• Interpretação fundamentada no texto, em pressupostos do conhecimento metaliterário e do conhecimento da história da literatura	(5 x 14 pontos)
B – Elaboração do comentário – aspectos de organização e de forma.....	60 pontos
• Coerência na articulação das ideias, na relação dos argumentos, na construção de um sentido global	(15 pontos)
• Domínio da construção do texto através de uma exposição estruturada, com introdução, desenvolvimento e conclusão	(15 pontos)
• Correção lingüística:	
– léxico (variedade e adequação)	(6 pontos)
– sintaxe e morfologia (ordem de palavras, concordância, regência, flexão)	(12 pontos)
– pontuação (observância de regras gerais)	(6 pontos)
– ortografia e usos convencionais da letra maiúscula	(6 pontos)
GRUPO II – Resumo de um texto informativo-expositivo.....	60 pontos
1 – Estrutura informacional	24 pontos
2 – Estratégias discursivas e lingüísticas	
• Organização da informação.....	22 pontos
• Correção lingüística	14 pontos
COTAÇÃO TOTAL DA PROVA.....	200 pontos

V.S.F.F.

138/C/1

GRUPO I e GRUPO II

Factores de desvalorização no domínio da correcção linguística:

- por cada erro de sintaxe ou de impropriedade lexical, será descontado um (1) ponto;
- por cada erro inequívoco de pontuação ou por cada erro de ortografia, serão descontadas cinco décimas (0,5) de ponto;
- por cada erro de acentuação ou de má utilização da maiúscula, serão descontadas duas décimas (0,2) de ponto.

Se um erro de ortografia (incluindo acentuação ou má utilização da maiúscula) for repetido, apenas será penalizada uma ocorrência.

Os descontos serão efectuados até ao limite da pontuação indicada no parâmetro da correcção linguística.

GRUPO I

O comentário de um texto literário, orientado por tópicos de análise, visa avaliar as competências de leitura e de expressão escrita.

Ao classificar o comentário elaborado pelo examinando, o professor deverá observar o domínio das seguintes capacidades:

- compreensão do sentido global do texto;
- interpretação do texto através da identificação e da relação dos elementos textuais produtores de sentido, na base de informação explícita e de inferências;
- selecção diversificada de elementos textuais pertinentes e adequados ao desenvolvimento dos tópicos enunciados;
- identificação de processos retóricos e estilísticos, e avaliação dos efeitos de sentido produzidos;
- contextualização do objecto em análise na história da literatura;
- construção de um texto estruturado, a partir da articulação dos vários aspectos analisados;
- correcção da produção escrita nos planos lexical, morfológico, sintáctico e ortográfico.

EXPLICITAÇÃO DE CENÁRIOS DE RESPOSTA

As sugestões que a seguir se apresentam consideram-se orientações gerais, tendo em vista uma indispensável aferição de critérios. Não deve, por isso, ser desvalorizada qualquer interpretação que, não coincidindo exactamente com as linhas de leitura apresentadas, seja julgada válida pelo professor.

Relação do sujeito poético com «uns» e «outros»

O sujeito poético marca a sua singularidade e a sua diferença perante o mundo («Uns» e «outros»). Assim, do seu ponto de vista, quem olha para o passado vê o simulacro da realidade vivida, porquanto esta não existe no presente («Uns, com os olhos postos no passado, / Vêem o que não vêem» – vv. 1-2), apesar de actualizada pela memória. A limitações semelhantes estão sujeitos os «outros» que fitam o futuro, pois eles «vêem / O que não pode ver-se» (vv. 3-4) e imaginam apenas o que ainda não existe.

A existência radicada em percepções ilusórias é alvo da apreciação crítica do sujeito poético, recusando este o que está «longe» do «momento» actual (o passado e o futuro).

Importância do tema do tempo

Ao demonstrar a não fiabilidade da visão orientada para o passado ou para o futuro, o sujeito poético defende o presente como tempo de realização do homem: «Porque tão longe ir pôr o que está perto – / A segurança nossa? Este é o dia» (vv. 5-6).

Através da apresentação antitética do tempo – «longe»/«perto» – o «eu» procede à valorização do presente («Este é o dia») como temporalidade segura, porque se encontra ao alcance do homem.

O relevo conferido ao momento presente é bem visível no poema. Assim, veja-se:

- a predominância dos verbos no presente do indicativo em todas as estrofes do poema («Vêem», «pode», «está», «é», «somos», «flui», «confessa», «vivemos», «és»);
- a delimitação de unidades temporais, cada vez mais restritas, relativas ao tempo que passa («o dia», «a hora», «o momento»);
- a utilização insistente de demonstrativos sublinhando a importância de viver o instante presente («Este é o dia, / Esta é a hora, este o momento» – vv. 6-7);
- a homologia estabelecida entre o tempo presente e o Ser; ou seja, o homem é o próprio tempo que se escoia («este o momento, isto / É quem somos, e é tudo» – vv. 7-8; «Colhe / O dia, porque és ele.» – vv. 11-12).

Proposta de uma filosofia de vida

O sujeito poético faz a apologia do presente, considerando um logro a construção da existência a partir de um passado morto ou de um futuro incerto («Vêem o que não vêem»; «vêem / O que não pode ver-se» – v. 2; vv. 3-4).

Apesar da brevidade do presente («dia», «hora», «momento»), o «eu» defende que é nele, em cada instante vivido, que o homem se realiza («Colhe / O dia, porque és ele.» – vv. 11-12) e conquista a felicidade possível («A segurança nossa»). Desta forma, procura superar a angústia causada pela consciência da nulidade do Ser, ameaçado pelo tempo destruidor («Perene flui a interminável hora / Que nos confessa nulos.» – vv. 9-10).

Consciente da efemeridade da vida e da inevitabilidade da morte («No mesmo hausto / Em que vivemos, morreremos.» – vv. 10-11), o sujeito postula uma filosofia de vida estóico-epicurista que, influenciada pela sabedoria horaciana, aponta como regra de vida a fruição do dia, do instante que passa: «Colhe / O dia» (vv. 11-12).

Recursos estilísticos relevantes

O poema é marcado por recursos estilísticos característicos da poética de Reis, tais como:

- o paradoxo («Vêem o que não vêem»; «vêem / O que não pode ver-se») que realça o engano em que assenta a inconsistência desses modos de visão;
- o hipérbato que, na 2.ª estrofe (vv. 5-6), destaca o movimento interrogativo («Porque») e a expressão que sintetiza a procura de estabilidade existencial («A segurança nossa») e que, na 3.ª estrofe («Perene flui a interminável hora / Que nos confessa nulos.» – vv. 9-10), sublinha o contraste entre a perenidade do movimento do tempo e a efemeridade da vida humana;
- as antíteses evidentes na 2.ª estrofe («longe»/«perto» – v. 5) e na 3.ª estrofe («vivemos, morreremos» – v. 11): a primeira salienta a relação entre uma temporalidade distante, enga-

V.S.F.F.

138/C/3

nadora, e aquela que se pode alcançar; a segunda destaca a problemática central do poema, a da existência condenada a perecer;

- gradação descendente («o dia», «a hora», «o momento»), acentuando o carácter breve, fugaz, instantâneo do tempo em que se vive;
- a imagem «Colhe / O dia, porque és ele.» (vv. 11-12) evidencia metaforicamente uma lição de vida – o homem é um ser de tempo e existe na precariedade do instante;
- vocabulário erudito, latinizante («Perene», «hausto»), confirmador da formação clássica de Reis;
- ...

Traços da poética de Ricardo Reis e sua posição no contexto da heteronímia pessoana

O poema evidencia alguns dos traços representativos da poética de Reis.

Exemplificando:

- a preferência pelo presente precário e a afirmação de uma arte de viver, assente na fruição do instante;
- o gozo do presente e a aceitação da morte, indiciando uma filosofia de vida que concilia o Epicurismo com o Estoicismo;
- a influência de Horácio através do tema do *carpe diem*;
- uma arte poética assente no rigor, revelando um estilo neoclássico elevado, o que decorre da sua formação latinista e helenista;
- ...

No contexto da heteronímia pessoana – criação máxima do Modernismo português – salienta-se, a respeito de Ricardo Reis, que:

- se integra na heteronímia como discípulo de Alberto Caeiro;
- é o heterónimo que representa a tradição literária clássica e as regras formais por oposição ao modernista Álvaro de Campos;
- ...

GRUPO II

O resumo de um texto não literário visa avaliar as competências de leitura e de produção escrita. Ao classificar o resumo elaborado pelo examinando, o professor deverá observar o domínio das seguintes capacidades:

- compreensão da estrutura global do texto a resumir, manifestada numa selecção de tópicos – que apresente o elenco de todas as ideias fundamentais – convenientemente relacionados;
- contracção da informação, traduzida numa extensão adequada aos requisitos enunciados na prova;
- produção de um discurso correcto nos planos lexical, morfológico, sintáctico e ortográfico.

EXPLICITAÇÃO DE CENÁRIOS DE RESPOSTA

Devem considerar-se os seguintes aspectos:

1. Estrutura informacional (nível do conteúdo)

- Preservação da informação nuclear do texto, através de:
 - a) manutenção dos tópicos:
 - classificação convencional de Camilo e Eça e sua reapreciação;
 - aspectos de modernidade da prosa camiliana;
 - necessidade de avaliação do lugar de Camilo na novelística portuguesa;
 - b) manutenção da rede semântica relativa ao tema, no todo ou em parte, a qual deverá integrar vocábulos constantes do texto ou seus equivalentes, tais como: Camilo, inspiração, casticismo, Eça, técnica, europeísmo, modernidade, romantismo, ironia, prosa de ficção, realismo, humorismo, novelística portuguesa.
- Selecção e reorganização da informação relevante.

2. Estratégias discursivas e linguísticas

- Organização da informação:
 - discurso conciso; opção por construções mais económicas: supressão de estruturas sintácticas ou lexicais repetitivas; uso de um vocabulário genérico que substitua expressões nominais mais específicas (hiperónimos e expressões englobantes com valor anafórico); uso de frases complexas;
 - manutenção do registo discursivo do texto-fonte, isento de marcas de enunciação do sujeito produtor do resumo;
 - utilização de articuladores discursivos que dêem coesão ao texto e evidenciem nexos lógicos;

- controlo de mecanismos de coesão:
 - temporal: século XIX, hoje (nos nossos dias...)...
 - referencial: - dois grandes criadores de ficção, Camilo, Eça...
 - ficção do século XIX, a nossa prosa de ficção (contemporânea), novelística portuguesa...

• Correção linguística

(Vide Factores de desvalorização no domínio da correção linguística – página 2)

Globalmente, o padrão do bom resumo será o texto de chegada que, em relação ao Texto-Fonte (TF):

- exiba um conteúdo informativo que preserve a macroestrutura do TF;
- seja coerente (ao nível da articulação das ideias) e coeso (ao nível dos mecanismos linguísticos usados).

Factores de desvalorização

Se o texto produzido pelo examinando apresentar um **desvio superior a quinze palavras**, relativamente ao requisito indicado no enunciado da prova, ou seja, apresentar um número de palavras inferior a **sessenta** ou superior a **cento e quinze**, o professor deverá descontar 30% na pontuação total atingida no resumo.

Sendo o número de palavras do resumo um dos factores de avaliação, impõe-se a definição de um critério de contagem **claro para o examinando e prático para o professor**. Assim, qualquer sequência hifenizada, do tipo *histórico-literário*, *obra-prima*, *reflecte-se*, *considera-o*, *pensá-lo*, é considerada **uma palavra**, independentemente do processo linguístico em causa.